

O Tigre na Caverna

Giselda Laporta Nicolelis
ilustrações de Alexandre Camanho



1ª edição
2ª tiragem
2018

Copyright © Giselda Laporta Nicolelis, 2009

Gerente editorial: ROGÉRIO CARLOS GASTALDO DE OLIVEIRA

Editora-assistente e preparação de texto:
KANDY SGARBI SARAIVA

Auxiliar de serviços editoriais: RUTE DE BRITO

Estagiária: MARI KUMAGAI

Suplemento de atividades: NAIR HITOMI KAYO

Revisão: PEDRO CUNHA JR. (Coord.), LILIAN SEMENICHIN, RENATA FONTES

Produtor gráfico: ROGÉRIO STRELCIUC

Gerência de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Projeto gráfico e produção: AEROESTÚDIO

Capa: AEROESTÚDIO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nicolelis, Giselda Laporta

O tigre na caverna / Giselda Laporta Nicolelis ; ilustrações de Alexandre Camanho . — 1. ed. — São Paulo : Saraiva, 2009. — (Coleção Jabuti)

ISBN 978-85-02-08397-4 (aluno)

1. Literatura infantojuvenil I. Camanho, Alexandre. II. Título. III. Série.

09-07381

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5



Avenida das Nações Unidas, 7221
CEP 05425-902 – Pinheiros – São Paulo – SP
Tel.: 4003-3061
www.aticascipione.com.br
atendimento@aticascipione.com.br

CL: 810017

CAE: 571322

Todos os direitos reservados à Saraiva Educação S.A.

Para Beatriz

“Pois as
coisas findas,
muito mais
que lindas,
estas ficarão.”

Carlos Drummond de Andrade
(1902-1987) – poeta brasileiro





um

Quando meu pai morreu, eu ia fazer 13 anos na semana seguinte. Para o aniversário não passar em branco, minha mãe fez um bolo. Depois ela, meus avós e minha irmã cantaram o “Parabéns a você”, enquanto eu apagava as velinhas.



No colégio de freiras onde eu estudava, certo dia percebi uma rodinha de meninas que cochichavam... Uma delas, apontando para mim, disse num tom que deu para ouvir:

– Coitada, ela não tem pai.

Debaixo da mangueira frondosa que havia no fim do pátio, fiquei chorando até o sino chamar para a próxima aula...

Nesse dia eu comecei a me recriar.

dois

Talvez por me sentir desvalida, meio solta no mundo, me ligava com outras garotas que eu julgava tão desvalidas quanto eu. Começava pela Raquel, que nascera sem o antebraço esquerdo; no lugar dele havia um toco de onde saíam uns arremedos de dedos – o curioso é que a Raquel não aparentava ter o menor problema com isso, talvez porque já nascera assim. Os diferentes para ela éramos nós.

Algumas colegas, maldosamente, caçoavam pelas suas costas, punham apelidos jocosos. Raquel continuava um doce de menina, sempre sorridente, prestativa, de bem com a vida. Eu adorava a Raquel e achava incrível como ela usava das formas mais versáteis aquele antebraço.

Depois tinha a Nídia, que sentava num canto da fileira junto à parede; entre ela e outra colega, havia sempre uma carteira vazia. Um dia, por curiosidade, passei a sentar ao seu lado. Mas não era fácil porque, não sei se por falta de higiene ou coisa natural, a Nídia exalava um cheiro desagradável. Melhor dizendo, era uma mistura



de cheiros ruins. Ninguém aguentava sentar ao lado dela, até eu encarar como obrigação, ou compaixão, vá lá saber.

E não era apenas uma questão de olfato: ainda havia os lanches que a Nídia trazia de casa. Observá-la desembulhando aqueles sanduíches de carne e ovo me dava engulhos, ainda mais que ela, toda sorridente, me oferecia metade. Aguentei o cheiro da Nídia e seus sanduíches por um longo tempo...

A terceira da lista era a Marley, que sofria as sequelas de uma poliomielite. Depois de muitas operações numa das pernas, andava a poder de um pesado aparelho ortopédico. Como éramos vizinhas, e morávamos no topo de uma ladeira, era em mim que ela se apoiava, e olhe que ela era uma menina forte e eu, uma garota franzina. Carreguei a Marley também por tempo demais...

Curioso é que, quando ela vinha de visita na minha casa, depois eu sempre encontrava algum objeto de estimação quebrado; podia até jurar que fora ela e de propósito. Maneira estranha de mostrar gratidão.

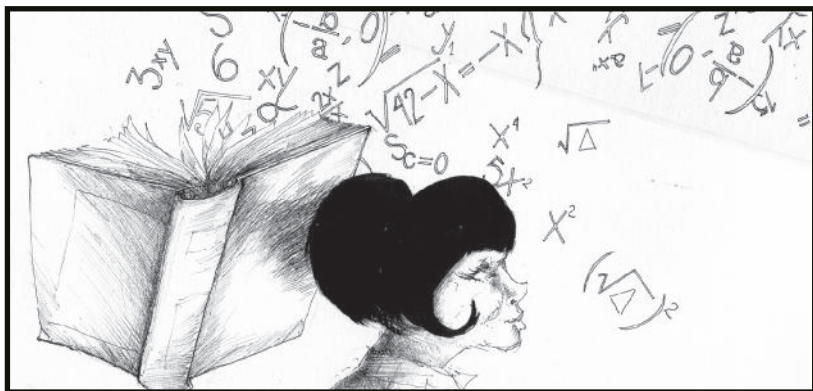
Nós formávamos um grupo de “quatro mosqueteiras párias”: uma não tinha pai, a outra não tinha mão, a terceira cheirava mal, e a quarta só calçava um pé de sapato.

As demais alunas rezavam contritas e felizes na capela do colégio, agradecendo a Deus o fato de serem tão belas e perfeitas e, na opinião delas, até generosas.

três

A natureza, contudo, às vezes compensa o que tira: eu era uma das melhores alunas da classe. Não porque fosse estudiosa, mas porque aprendia com muita facilidade e tinha memória privi-

legiada. Em véspera de prova, por exemplo, nem me dava ao trabalho de estudar. Chegando duas horas antes, eu sentava ao lado da Léa, uma garota que decorava o livro inteiro da matéria, tim-tim por tim-tim, incluindo até ponto e vírgula.



Duas horas no banco do pátio ouvindo a Léa, a matéria estava estudada. Daí entrava e mandava ver. As professoras, contudo, se desesperavam, não comigo, mas com a Léa. Ouvi uma delas comentando que, principalmente na prova oral, era um inferno ouvir a garota repetindo, como se fosse xerox, determinada matéria. Para mim ela era um anjo salvador.

Raquel desenhava divinamente. Eu, ao contrário, era péssima, conseguia errar até desenho geométrico. Eu suava nas mãos, que enxugava com lenço a toda hora: as provas eram puro tormento. Os professores, por compaixão, me davam a nota mínima para passar de ano, levando em consideração que eu só tirava dez nas outras matérias.

Marley, por sua vez, era linda, tinha olhos amendoados e castanhos, e as pestanas mais longas que já vi na vida. E seios maravilhosos, perfeitos, que se sobressaíam sob o uniforme escolar. Como eu invejava aqueles seios! Os meus eram apenas arremedos, cresciam lentamente, se é que cresciam. Se o gênio da lâmpada me concedesse um único desejo, eu pediria seios de

verdade, redondos como os da estátua de Vênus. E seria feliz para sempre...

Nídia, porém, não tinha nenhum dom especial: baixa, magrinha, seus cabelos eram sebosos, e os dentes pequenos e afiados como de uma ratinha. Parecia que o único prazer da sua vida, ela que quase não saía de casa, era fazer alguma compra para a mãe no açougue ou na padaria do bairro onde moravam. Eu gostaria tanto de ajudá-la, sugerir alguma coisa, como tomar mais banho, escovar os dentes, usar desodorante – como poderia, santo Deus, sem ofendê-la? Mas às vezes me perguntava: o meu silêncio não seria muito pior?

quatro

Quando meu pai me levou a primeira vez ao dentista, antes de entrar no consultório, ele disse:

– Se você se comportar como uma mocinha, eu lhe compro o que quiser.

Não me comportei apenas feito mocinha, fui uma *lady* inglesa. Ali, de boca aberta, fiquei imaginando mil coisas que poderia pedir. Aos sairmos do consultório, vi um rapaz vendendo cachorrinhos. Apaixonada por um filhote branco que parecia um pacote de algodão, apontei o dedinho:

– Pai, quero aquele!

Ele comprou o cachorrinho na hora. Chegamos os três em casa, e a minha mãe quase teve um treco. O filhote ia fazer xixi pelo apartamento inteiro. Meu pai então explicou que promessa feita a uma criança tem de ser cumprida. Minha mãe replicou que ele era o herói da história enquanto ela ia posar de bruxa.